

The background of the cover is a photograph of an archaeological excavation site. It shows a grid of thin white lines on a dark, sandy ground. Numerous stones of various sizes and shapes are scattered across the site, some appearing to be part of a larger structure or arrangement. The lighting is bright, casting shadows on the sand.

# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses  
Volume 70

---

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL  
— NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**70**

Ano de Edição

**2020**

Ano Associativo AAP

**2018**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e Andrea Martins**

Design gráfico

**Flatland Design**

Fotografia da capa

**Estrutura pétreia de Rôdo (Gomes *et al.* – artigo 6)**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**300 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

## **PALEOLÍTICO EM PORTUGAL – NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS**

9 Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal

Alexandre Varanda

25 O aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica no Paleolítico Médio – Estado da questão

Ana Abrunhosa, Belén Márquez, David M. Martín-Perea, Juan Luis Arsuaga, Alfredo Pérez-González, Enrique Baquedano

39 *Ground Stone Tools*: análise funcional quantitativa à escala macro e microscópica

Eduardo Paixão, João Marreiros

51 Cadeias operatórias do Paleolítico Médio da bacia do Arneiro

Nelson Almeida

75 Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)

Luis Gomes

95 Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida

Sérgio Gomes, Lurdes Oliveira, Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Alicia Ameijenda, Bárbara Costa, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

115 A Indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares

Carmen Manzano, Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Bárbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

133 Dinâmicas de vegetação no final do Pleistocénico e início do Holocénico no atual território português

Cláudia Oliveira, João Pedro Tereso

147 Contributos para a caracterização do período tardiglacial no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8

Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Barbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

171 Ensaçando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor

Sofia Soares de Figueiredo, Pedro Xavier

185 O povoamento humano durante o Tardiglacial na Bacia do Guadiana: revisão dos dados

Cristina Gameiro, Francisco Almeida

## **ARTIGOS**

203 Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz, José Morais Arnaud

225 Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural

Francisco B. Gomes

- 237 Arqueologia e a Sociedade Portuguesa: definições, papéis e perspectivas do Passado no Presente  
Daniel Carvalho
- 255 Do Carmo a São Vicente – Parte I. Colóquio de Homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)  
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 257 Manipulações cranianas da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo)  
Mário Varela Gomes, Carlos Didelet Vasques
- 277 Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem  
Mariana Almeida, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes
- 295 Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa  
Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves
- 313 A Batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica  
Rui Ribolhos Filipe
- 329 Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado: a propósito da questão da ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores  
José Luís Neto

## **RELATÓRIOS**

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2018  
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 357 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018  
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 365 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018  
Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago
- 369 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018  
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 371 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2018  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# ARTEFACTOS CILÍNDRICOS DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO – A COLECÇÃO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO (LISBOA)

---

Andrea Martins<sup>1</sup>, César Neves<sup>2</sup>, Mariana Diniz<sup>3</sup>, José Morais Arnaud<sup>4</sup>

<sup>1</sup> UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa / FCT / Associação dos Arqueólogos Portugueses / andrea.arte@gmail.com

<sup>2</sup> Associação dos Arqueólogos Portugueses / UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa / cesar.neves@arqueologos.pt

<sup>3</sup> UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa / Associação dos Arqueólogos Portugueses / m.diniz@fl.ul.pt

<sup>4</sup> Associação dos Arqueólogos Portugueses / jemarnaud@gmail.com

## Resumo

Os artefactos cilíndricos de calcário, tradicionalmente designados por ídolos cilíndricos, surgem em numerosos contextos funerários e habitacionais do sudoeste da Península Ibérica, ao longo do Calcolítico. Na sua maioria são artefactos de calcário, afeiçãoados e polidos, de formato cilíndrico, podendo apresentar incisões decorativas nas zonas mesial e distal compostas pelas denominadas “tatuagens faciais” e olhos, e, nos exemplares mais elaborados, representação de pestanas, sobrancelhas, cabelo ou triângulo púbico.

Durante as três décadas de escavações no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro foram recolhidas largas dezenas destes artefactos ideotécnicos, estando actualmente a grande maioria depositada no Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa.

Apresenta-se neste artigo uma primeira abordagem ao estudo desta colecção, composta por 93 exemplares, descrevendo-se parâmetros técnicos, tipológicos e iconográficos.

**Palavras-chave:** Vila Nova de São Pedro, Cilindros de calcário, “Ídolos cilíndricos”, Calcolítico.

## Abstract

The limestone cylindrical artefacts, traditionally called “cylindrical idols”, appear in several funerary and settlement contexts in the Southwest of the Iberia, during the Chalcolithic. Most of them are limestone artifacts and, according to their morphology, they are mostly cylindrical, totally polished, creating smooth surfaces. Some of these objects are decorated at the distal area with filiform incisions composed by the so-called “facial tattoos” and eyes, and, in the more elaborated examples, representation of eyelashes, eyebrows, hair or pubic triangle.

Dozens of these ideotechnical artefacts were collected during the archaeological excavations that took place in the Chalcolithic settlement of Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal), from 1937 to 1967, directed by Afonso do Paço. The majority of the archaeological remains recovered are currently deposited in the Archaeological Carmo Museum (Lisbon). This paper presents a first approach to the study of this particular collection (93 elements), analyzing technical, typological and iconographic issues.

**Keywords:** Vila Nova de São Pedro, Limestone cylindrical idols, Ideotechnical artefacts, Chalcolithic.

## 1. O CONJUNTO DE ARTEFACTOS CILÍNDRICOS E AS CAMPANHAS DE AFONSO DO PAÇO (1937-1967)

O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal) (Figura 1), foi escavado durante 31 anos, entre 1937 e 1967, por Eugénio Jalhay (até 1950) e Afonso do Paço, tendo sido recolhidos milhares de artefactos arqueológicos, a maioria dos quais depositados no Museu Arqueológico do Carmo (Arnaud e Gonçalves, 1995; Arnaud, 2005), sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

A metodologia utilizada nestas 31 campanhas de escavação, que de forma sistemática e contínua removeram todo o sedimento entre o interior do “reduito central” e a “segunda” linha de muralha, impedem uma correcta percepção da sequência estratigráfica não permitindo a contextualização dos materiais arqueológicos então recolhidos. No âmbito do projecto VNSP3000 (Arnaud *et al*, 2017) tem sido realizada a revisão da extensa bibliografia então

produzida permitindo a identificação de proveniência de alguns destes materiais arqueológicos, que surgem publicados individualmente. Entre 1939 e 1958, Afonso do Paço, em colaboração com diversos investigadores, publicou de forma extensiva os resultados de cada campanha, sendo a 20ª, que decorreu em 1956, a última a ser publicada sob a forma de relatório (Arnaud e Gonçalves, 1990; Paço, 1958). Das campanhas entre 1957 e 1965, existem relatórios muito sucintos entregues à Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), que já não apresentam a descrição e enumeração de materiais recolhidos, sendo inexistentes os relatórios das duas últimas campanhas – a 30ª e 31ª, de 1966 e 1967 – seguramente devido ao estado de saúde muito debilitado em que Afonso do Paço se encontrava (Ribeiro e Cardoso, 2013: 45). Estas publicações, que apresentam listagens de materiais e registos gráficos ou fotográficos, bem como estudos complementares realizados por outros investigadores, permitem realizar um trabalho de identificação



Figura 1 – Povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro.

de artefactos, enquadrando-os em determinado ano de escavações e local específico do povoado.

No entanto, o enquadramento na sequência estratigráfica do povoado encontra-se muito condicionado, limitado à própria referência a apenas três níveis ou estratos, tradicionalmente aceites pela comunidade científica, sobretudo após as publicações de Paço e E. Sangmeister (1956) – ou seja, Vila Nova I, Vila Nova II e Vila Nova III – estratigrafia revista por Savory (1970), adicionando subdivisões e criando o período IV. Esta periodização foi durante bastante tempo considerada como a base da classificação crono-cultural do Calcolítico da Estremadura e Sul de Portugal, constituindo a totalidade das parcas observações estratigráficas publicadas por A. Paço como elementos contextuais dos artefactos arqueológicos.

Nesse sentido, não sendo possível definir a proveniência dos materiais em contextos fechados, associações ou deposições seguras, não se pode também afirmar que estes são materiais totalmente descontextualizados, pois encontram-se referidos genericamente como provenientes de determinado nível estratigráfico. Os mais recentes trabalhos

(Martins *et al*, 2019), têm confirmado a ocupação permanente deste sítio arqueológico durante o III milénio AC, sendo que a presença de artefactos como machados de cobre e bronze, pontas de seta pedunculadas e punhais nos remete para um momento terminal do sítio já no Bronze inicial, com uma ocupação esporádica (Arnaud e Gonçalves, 1995; Soares, 2005).

Os artefactos depositados no Museu Arqueológico do Carmo (MAC), permitem-nos, hoje, a realização de estudos por categorias artefactuais, utilizando novas tecnologias de análise e abordagens transdisciplinares que possibilitam obter dados que podem ser relacionados com informação proveniente de outros contextos culturais.

Numa primeira fase, produzir um *corpus* sistemático que proporcione o conhecimento exaustivo de toda a realidade artefactual recolhida neste povoado calcolítico constitui um propósito do projecto VN3000. O presente trabalho insere-se neste objectivo sendo dedicado a uma categoria artefactual identificada desde os primeiros trabalhos de campo, e que conta, no MAC, com 93 exemplares (Figura 2).



Figura 2 – Conjunto de artefactos cilíndricos expostos na Sala 1 do Museu Arqueológico do Carmo.

Logo em 1937, na primeira campanha efectuada por Eugénio Jalhay e A. Paço (Paço e Jalhay, 1939) foram recolhidos numerosos cilindros de calcário, a maioria dos quais lisos e apenas um de grande dimensão com representação das denominadas *tatuagens faciais*<sup>1</sup>.

Além dos exemplares em calcário identificaram-se, também, alguns em cristal de rocha (quartzo hialino) e um em cerâmica, sendo este o único cilindro, com representação de tatuagens faciais e olhos, executado neste tipo de material<sup>2</sup>.

Em 1937 e 1938, foi escavada uma área a Sul-Sudoeste do morro central – como é definida a elevação que corresponderá à muralha interior –, entre a “primeira” e a “segunda” linha de muralha, estando as possíveis estruturas aí identificadas muito afectadas pelos trabalhos agrícolas. Sobre a campanha de 1938, Eugénio Jalhay refere, no relatório entregue à Direcção da AAP, que nas duas sondagens efectuadas foram recolhidos 13 cilindros de calcário<sup>3</sup>. Nas campanhas seguintes – 1939, 1940, 1941 – continuam a surgir este tipo de artefactos (Paço e Jalhay, 1942), sendo referido que na 6ª campanha (1942), cuja área de intervenção se localizou a Sul-Sudeste do morro central, foram recolhidos numerosos cilindros de calcário, alguns dos quais com decoração, destacando um deles com três linhas laterais e representação de olhos<sup>4</sup> (Figura 3). Os cilindros de calcário surgem em pontos diversos da área em escavação, estando muitos deles fracturados. Nesta 6ª campanha, foi aberta uma vala na muralha, utilizada posteriormente para passagem das vagonetas desde o interior do “reduto central”, estando referida a existência de fundos de cabana nesta área exterior à “primeira” linha de muralha (Paço e Jalhay, 1943).

---

<sup>1</sup> Corresponde ao artefacto inventariado com o nº 64.

<sup>2</sup> Este artefacto faz parte do espólio de VNSP depositado no Museu Municipal Hipólito Cabaço (Alenquer).

<sup>3</sup> Relatório consultado no Arquivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

<sup>4</sup> Corresponde ao artefacto inventariado com o nº 60.

A escavação na área do denominado “reduto central” iniciou-se em 1944, prosseguindo de maneira contínua entre 1946 e 1952, graças à colocação do sistema de vagonetas que permitia a remoção dos abundantes blocos pétreos e de sedimento para o exterior. Encontram-se referenciadas estruturas nesta área central do povoado, como “silos”, “cinzeiros”, “muretes”, um “barreiro”, a famosa “cisterna” ou o icónico, mas improvável, “forno de cerâmica”, tendo sido recolhidos milhares de artefactos arqueológicos de numerosas categorias tipológicas. Os objectos cilíndricos de calcário continuam a ser mencionados, juntamente com placas de xisto, objectos em osso, líticos, cerâmica campaniforme, cadinhos e abundante fauna mamalógica e restos antracológicos (Paço, 1954).

As sucintas descrições da seqüência estratigráfica existente nesta área específica do povoado referem duas camadas de cinzas ou terras negras com muitas pedras, intercaladas por um nível de argamassas com sedimento amarelado, surgindo diversos “cinzeiros” com grande concentração de materiais. Os artefactos cilíndricos são referidos nas descrições das camadas superiores, teoricamente mais recentes, onde surgem cerâmicas campaniformes e metais (Paço, 1954), sendo ainda referido que na campanha de 1951 surgiram bastantes exemplares junto da entrada calcolítica para o reduto central (Paço e Costa Arthur, 1952; Paço, 1958).

As campanhas seguintes (17ª, 18ª, 19ª, 20ª) foram dedicadas à escavação e definição das muralhas, nomeadamente dos vários cubelos semi-circulares que constituem a primeira linha de muralha, sendo, por isso, menos abundantes os materiais arqueológicos. Na campanha de 1954, é identificada, a Norte, a “terceira”, e mais externa, linha de muralha, tendo sido recolhida cerâmica campaniforme e dois cilindros decorados<sup>5</sup> (Paço, 1958). Durante a década seguinte, Afonso do Paço entregou relatórios sucintos à DGEMN, não apresentando listagens de materiais como era seu hábito (Ribeiro e Cardoso,

---

<sup>5</sup> Um destes artefactos corresponderá ao inventariado com o nº 62.

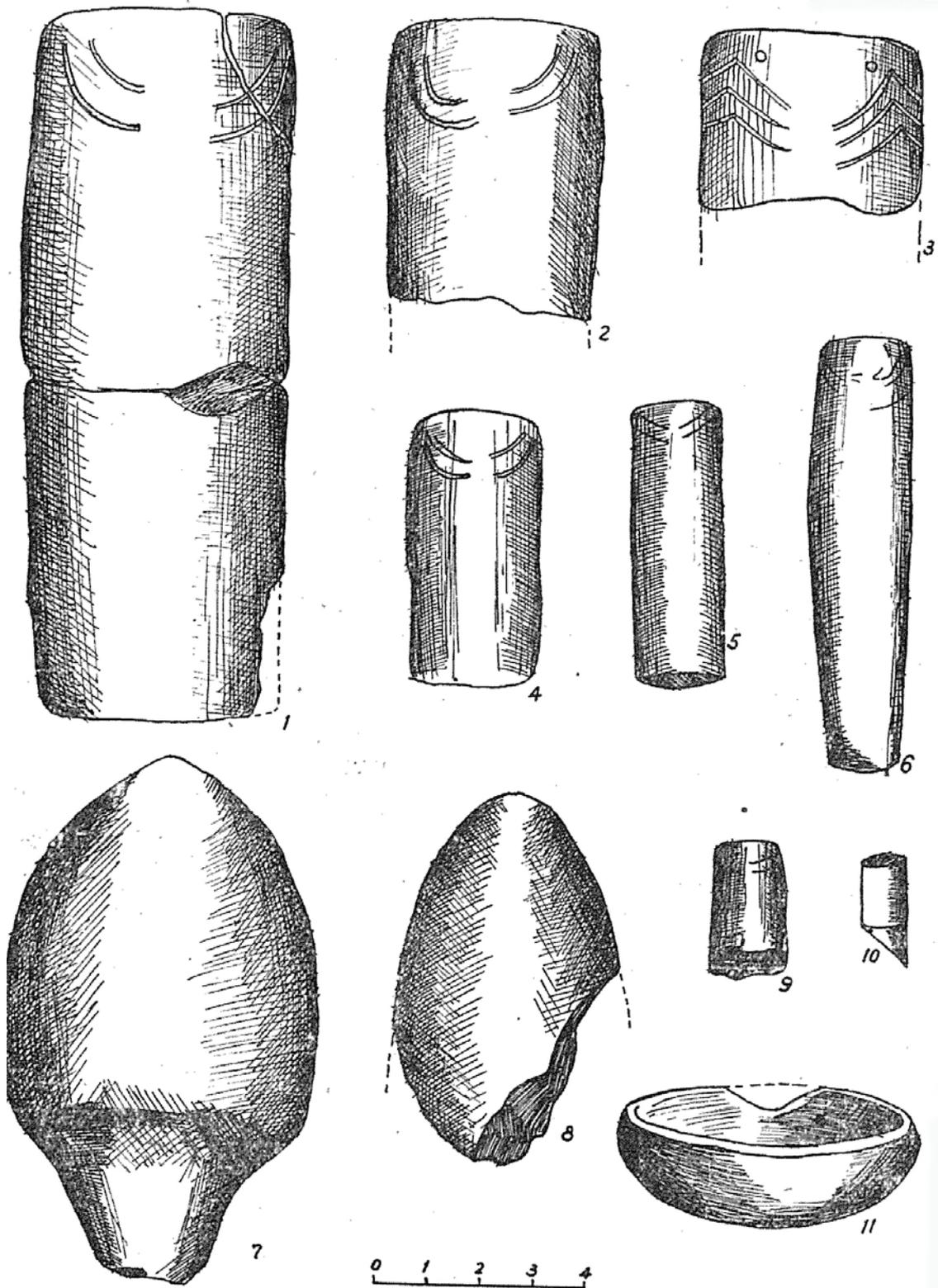


Figura 3 – Estampa apresentada por E. Jalhay e A. Paço em 1945 visualizando-se diversos cilindros de calcário com representação das tatuagens faciais (Jalhay e Paço, 1945).

2013), sendo de crer que a quantidade de artefactos recolhidos fosse diminuta, resultado também de campanhas localizadas em áreas que já teriam sido intervencionadas nas décadas anteriores.

Alguns dos elementos cilíndricos referidos nestas publicações fazem parte do conjunto de materiais depositados no Museu Municipal Hipólito Cabaço, em Alenquer, sendo que se desconhece a existência deste tipo de artefacto em outras instituições da mesma natureza ou em colecções particulares.

Sobre as escavações ocorridas na década de 80, em Vila Nova de São Pedro não estão publicados os materiais arqueológicos, sendo por isso, indefinida a presença de artefactos cilíndricos nas áreas então intervencionadas (Gonçalves, 1994).

Nas últimas 3 campanhas realizadas em VNSP, já no âmbito do projecto VNSP3000 – 2017, 2018 e 2019 – onde se realizaram sondagens, em áreas opostas ao longo da “segunda” linha de muralha, não foi identificada qualquer elemento desta categoria artefactual (Martins *et al*, 2019).

## 2. OS EXEMPLARES DEPOSITADOS NO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO

No Museu Arqueológico do Carmo encontram-se depositados 93 artefactos classificados como cilíndricos, estando 32 expostos na Sala 1 e os restantes nas reservas do MAC/AAP.

### 2.1. Matéria-Prima

Tradicionalmente esta tipologia artefactual é caracterizada pela preponderância do calcário porém, tal como podemos constatar nesta colecção de VNSP, esta matéria-prima não é exclusiva (Gráfico 1).

Neste conjunto específico, 80% dos artefactos, ou seja, 74 exemplares, são executados em calcário, provavelmente de proveniência local, uma vez que Vila Nova de São Pedro encontra-se em substrato geológico constituído por calcários do Miocénico - Pontiano. A área específica onde se implanta o sítio corresponde aos calcários, grés e argilas com *Hipparion gracile* de Azambujeira, mais especificamente aos Calcários de Almoester, com moluscos

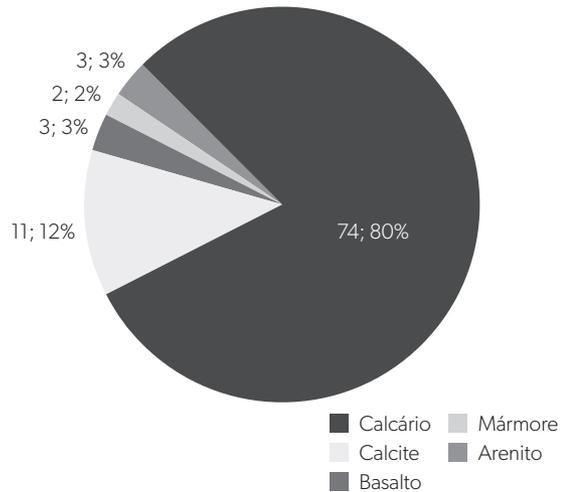


Gráfico 1 – Matéria-prima dos artefactos cilíndricos MAC.

terrestres e moluscos de água doce (Zbyszewski, 1953). Além desta provável proveniência, os grandes maciços calcários da Serra de Montejunto, a 15km, e da Serra de Aire e Candeeiros, a 30km permitem o fácil aprovisionamento desta matéria-prima<sup>6</sup>.

Directamente relacionado com o calcário, encontra-se a segunda matéria-prima mais abundante, a calcite que está presente em 11 exemplares, sendo um deles um geode (inventário -19). A identificação e caracterização da elevação onde se encontra o povoado como um pequeno sistema cársico (Martins *et al*, 2019), permite-nos propor uma proveniência igualmente local para a calcite, de matriz mais ou menos cristalina, factor que poderá ter funcionado como atractivo para a sua escolha. Esta matéria-prima permite um fácil polimento, obtendo-se por vezes faces mais planas, possivelmente em resultado de fracturas ou da estrutura cristalina da matéria-prima.

Mais residuais são outras matérias-primas, de proveniência mais distante, como os dois exemplares de mármore – provavelmente da área do anti-clinal de Estremoz, a cerca de 120km de distância de VNSP.

<sup>6</sup> Alguns destes artefactos têm sido analisados no âmbito do projecto (BRR\_585\_IP) – “The pre-historical symbolic artefacts from Vila Nova de São Pedro, Portugal: Fingerprinting a production center (SYMOLART), de responsabilidade científica de Ana Luísa Rodrigues (Post-doc researcher at IST/C2TN), financiado por H 2020-CHARISMA, aguardando-se os resultados finais.

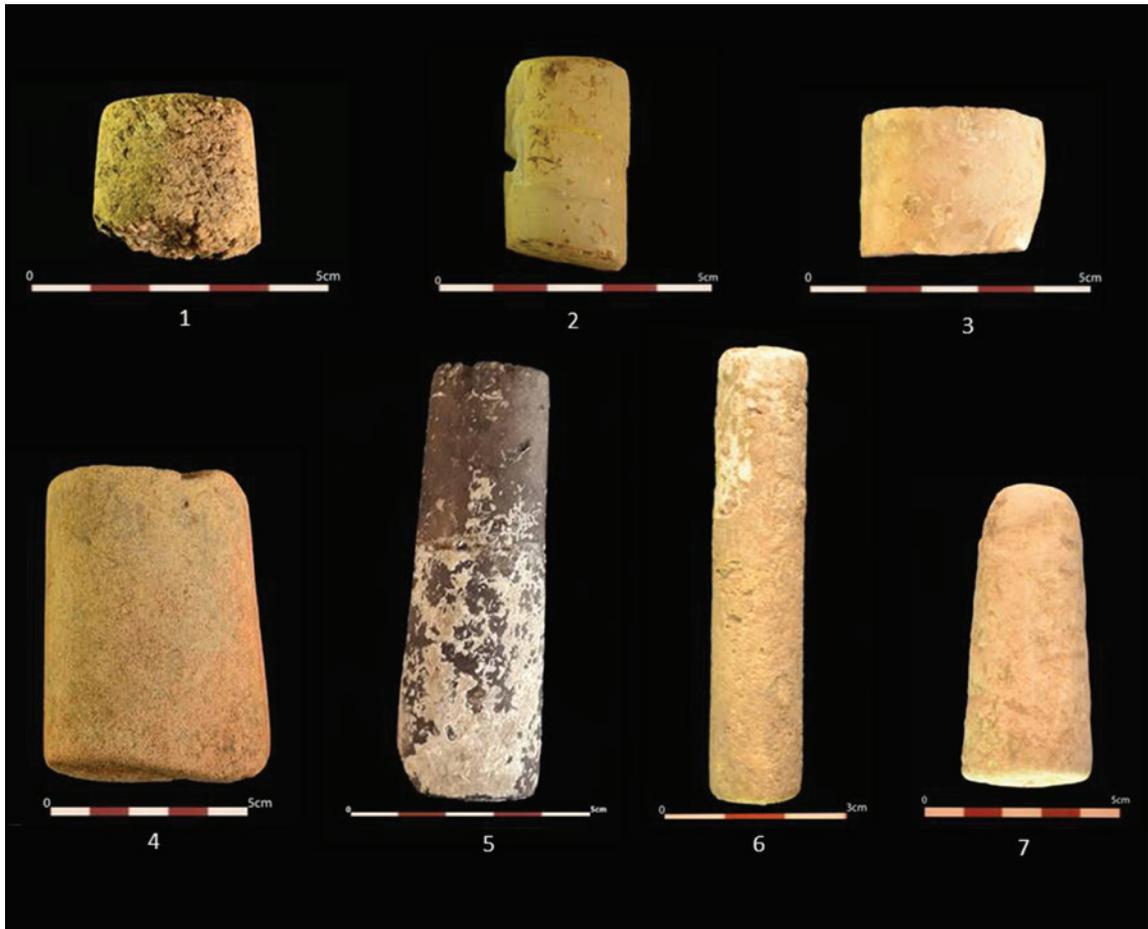


Figura 4 – Artefactos cilíndricos de diversas matérias-primas: 1 – Calcite/geóide (Inv.19); 2 – Calcite (Inv.46); 3 – Mármore (Inv.31); 4 – Arenito (Inv.36); 5 – Basalto (Inv.69); 6 e 7 – Calcário (Inv.76 e 54).

A uma distância mais curta de VNSP (cerca de 20-30 km), surgem formações onde poderão ter sido recolhidas outras matérias-primas utilizadas na produção destes artefactos, como o basalto e arenito. A Norte, a Formação de Portela da Teira, o denominado Basalto de Rio Maior, e a Sul, o Complexo Vulcânico de Lisboa apresentam-se como possíveis locais de proveniência do basalto, matéria-prima de três artefactos cilíndricos. Relativamente a outros três cilindros de arenito, a análise macroscópica sugere que se trata de arenito paleogénico provavelmente da área de Assentiz (Rio Maior)<sup>7</sup> (Figura 4).

<sup>7</sup> A análise macroscópica às matérias-primas foi realizada por Nuno Pimentel e Patrícia Jordão (FCUL), a quem agradecemos.

## 2.2. Estado de conservação

A grande maioria – 73 – dos artefactos cilíndricos desta colecção encontram-se fracturados, sendo que 44 correspondem a secções mesiais estando, por isso, classificados como indeterminados (Gráfico 2).

As fracturas apresentam ponto de impacto de plano oblíquo. Alguns cilindros mostram a superfície fracturada sem polimento ou qualquer tipo de tratamento posterior, porém em outros a fractura encontra-se bastante polida, revelando ser uma fractura antiga, trabalhada para reaproveitamento da peça. Em três exemplares (números 33, 50 e 78 do Inventário) verificamos que foram usados numa segunda fase como percutores (Figura 5 – nº 1 e Figura 13 – nº 2). Estes foram desbastados, e mostram diversos pontos de impacto.

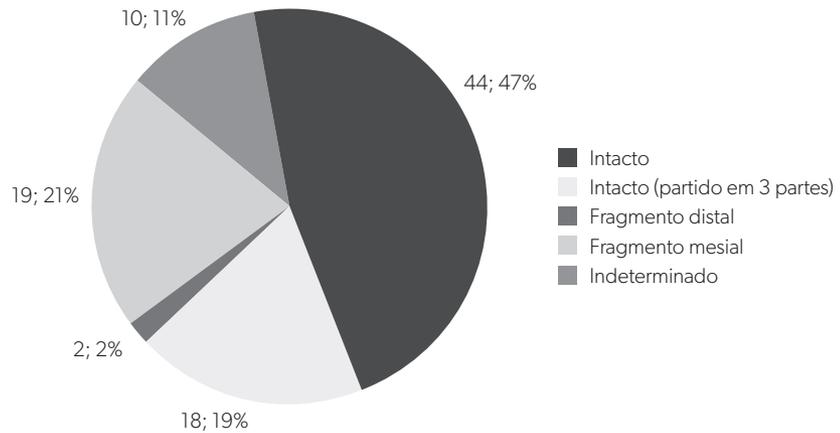


Gráfico 2 – Estado de conservação dos artefactos cilíndricos do MAC



Figura 5 – Estado de conservação: 1 – Reutilização como percutor (Inv.33); 2 – Fragmento indeterminado (Inv.48); 3 – Fracturado em três partes (Inv.44) e 4 – Inteiro (Inv.59).

As fracturas recentes observadas em quatro cilindros (números 25, 46, 48 e 49) foram provavelmente efectuadas durante a escavação do sítio arqueológico, sendo que em dois deles (número 25 e 46) é possível efectuar a reconstituição dos fragmentos, revelando-nos que foram recolhidos e identificados no campo.

A morfologia conservada em 19 exemplares permitiu a sua classificação como fragmento distal, quer pelo formato plano e mais afunilado característico da área de topo dos cilindros, quer, principalmente, pela presença de linhas incisivas que constituem a decoração destes artefactos.

Totalmente intactos encontram-se 18 artefactos,

mostrando as superfícies completamente polidas (Figura 6). O cilindro nº74, de reduzida dimensão e com decoração de tatuagens faciais, mostra o topo e a base afeiçoados e polidos, revelando-nos o reaproveitamento e reutilização do artefacto (Figura 7 – nº1).

Apesar de nenhum dos artefactos estar num estado carbonizado, 17 deles mostram vestígios parciais da acção directa de fogo. Mais uma vez, a ausência de informação sobre os contextos de uso/abandono destas peças torna menos clara a origem – natural ou antrópica – dos processos de fragmentação destas peças.

### 2.3. Tipologia e morfologia

A tradicional designação desta tipologia de artefactos advém da sua morfologia cilíndrica. No entanto, existem algumas variações que resultam de condicionantes da matéria-prima, da técnica de execução, bem como de uma acção/intenção predefinida pelo executante que poderá levar a uma classificação funcional e interpretativa distinta no interior deste conjunto (Gráfico 3).

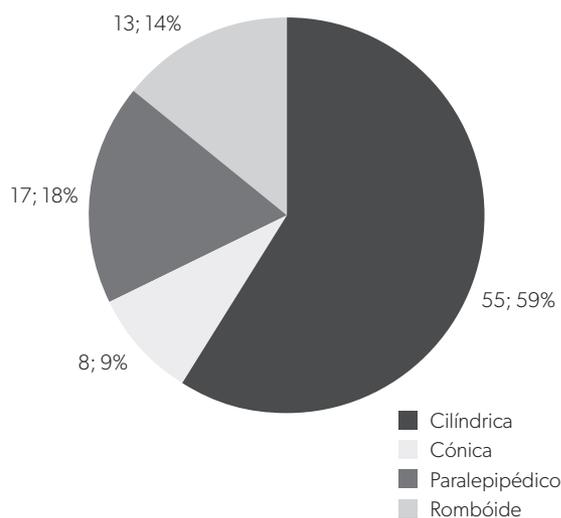


Gráfico 3 – Tipologia e forma dos artefactos cilíndricos do MAC.

#### Artefactos cilíndricos

No conjunto analisado a maioria dos artefactos – 59% – apresenta uma morfologia cilíndrica, com diversas dimensões, variando entre 3 a 17cm de comprimento e entre 1 a 7cm de diâmetro, em exemplares com-

pletos. Os topos do cilindro são planos, com alguns a apresentarem pequenas fracturas nos bordos, mas permitindo a disposição na vertical do artefacto.

#### Artefactos rombóides e paralepipédicos

As morfologias rombóide (14%) e paralepipédica (18%), observáveis principalmente na secção dos artefactos, serão resultado do método de execução. O polimento diferencial de um dos lados condiciona, por vezes aleatoriamente, o formato final da peça sendo difícil (e talvez desnecessário) o retoque até atingir uma secção perfeitamente circular. O ligeiro estrangulamento a meio observável em alguns artefactos será também resultado da abrasão e polimento em superfície com maior atrito.

#### Artefactos cónicos

Relativamente aos oito artefactos de tipologia cónica, estes caracterizam-se por apresentarem a extremidade distal afunilada, em forma de cone, sendo apenas a base proximal que permite a sua disposição na vertical (Figura 6 – nº 1). Estes artefactos não apresentam decoração, sendo frequentemente apenas polidos.

#### Dimensões

Foram medidas nestas peças, fundamentalmente cilíndricas, duas dimensões: altura – numa leitura obtida nas peças intactas e nos fragmentos com altura conservada; espessura – lidas nas peças com diâmetro conservado. Os resultados permitiram a classificação destes elementos em 3 grupos fundamentais (Grandes, Médios e Pequenos).

– Altura medida em 20 exemplares:

Grandes – nenhum exemplar acima de 20 cm;

Médios – 4 exemplares entre 10 e 19,9 cm;

Pequenos – 16 exemplares abaixo de 10 cm;

– Quanto à espessura, lida em 93 exemplares:

Grandes – 12 exemplares, com diâmetro superior a 5cm;

Médios – 63 exemplares, com diâmetro entre 2 e 4,9cm;

Pequenos – 18 exemplares, com diâmetro abaixo de 2 cm;”

## 2.4. Decoração

Do conjunto de artefactos cilíndricos depositados no MAC, a grande maioria (71 %) não apresenta decoração, estando apenas decorados 27 exemplares (Gráfico 4).

Esta decoração é realizada por incisão, com utensílio pontiagudo, mostrando o traço contornos regulares (Figura 14). Em três exemplares (números 73, 75 e 77), surgem pequenos traços filiformes irregulares junto das incisões que poderão representar traços preparatórios ou tentativas da execução do traço inciso (Figura 7 – nº 6 e Figura 8 – nº 1).

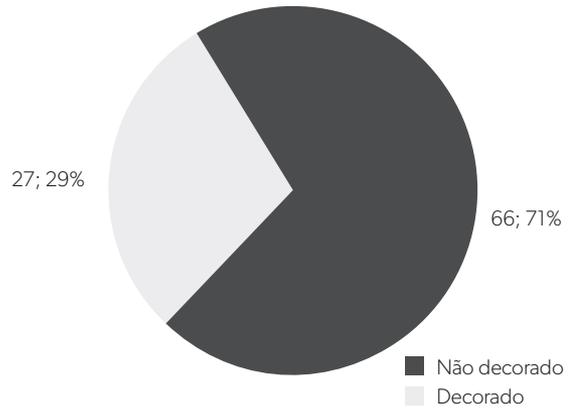


Gráfico 4 – Artefactos cilíndricos do MAC – decoração.

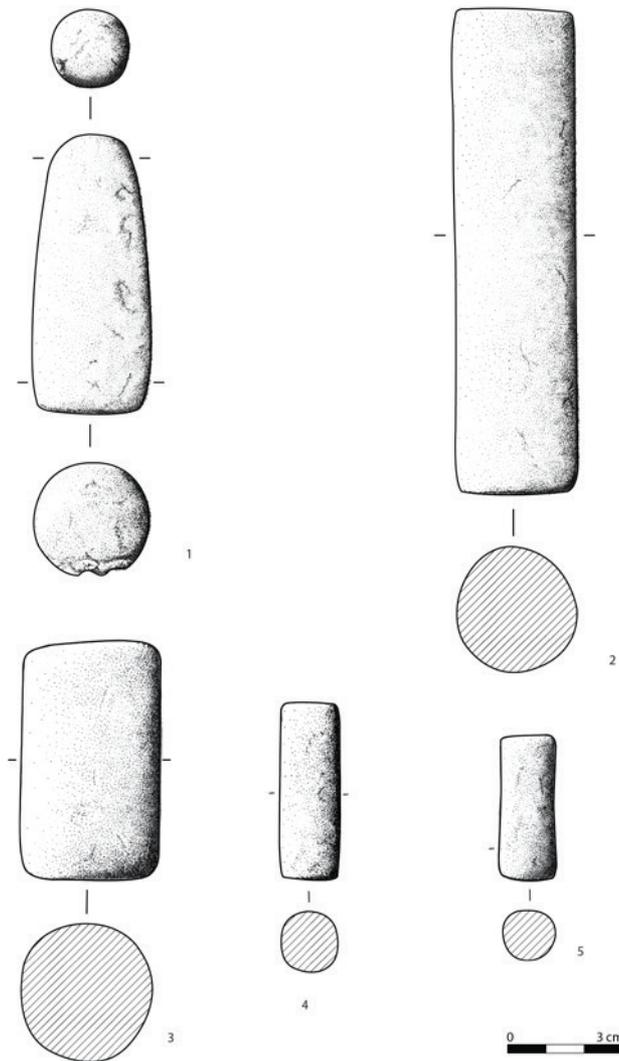


Figura 6 – Artefactos cilíndricos de calcário inteiros (Inv.54, 59, 80, 82 e 71). Desenhos de César Neves.

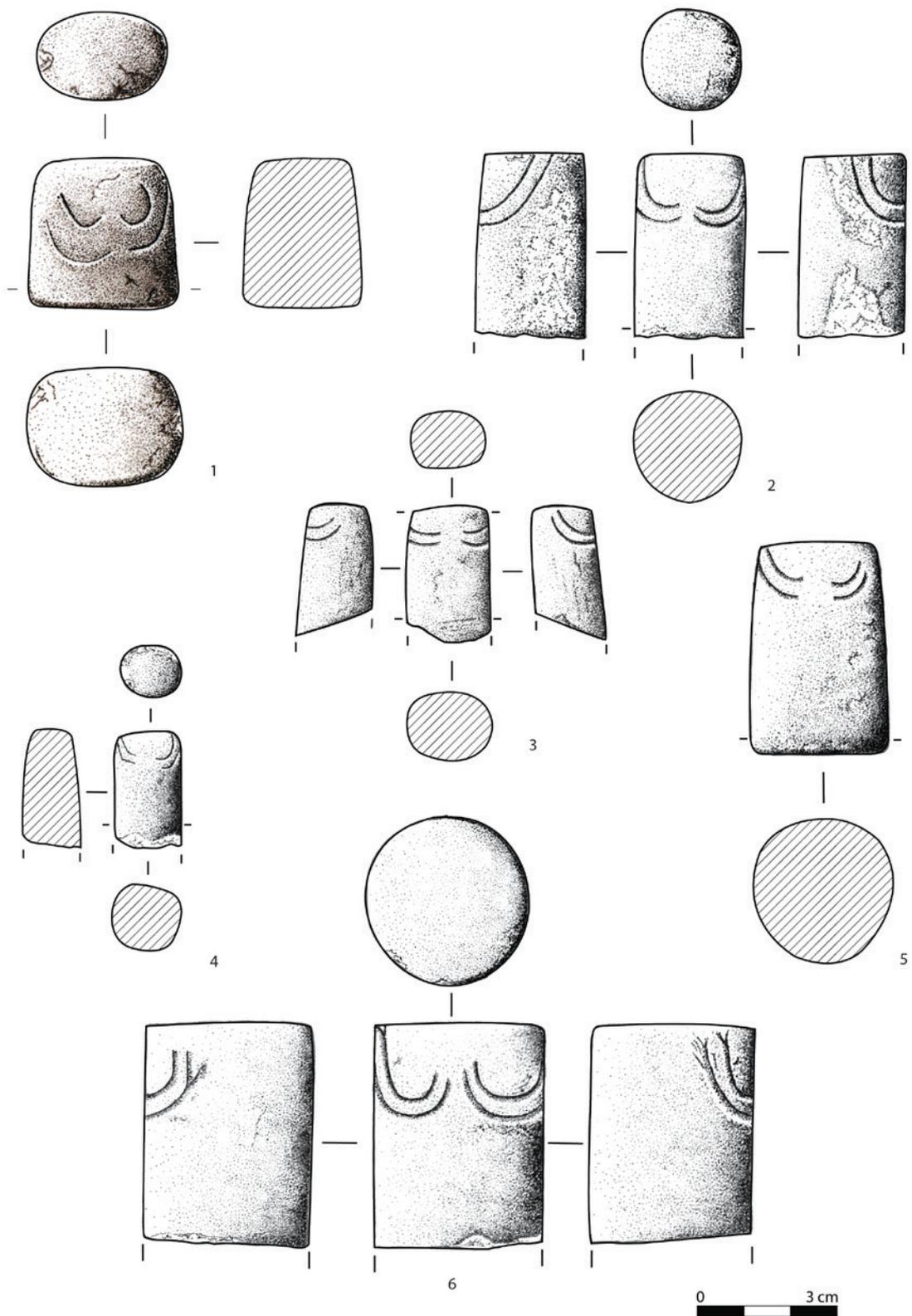


Figura 7 – Cilindros de calcário com decoração de tatuagens faciais: 1 -Inv.74; 2 - Inv. 85; 3 - Inv.84; 4 - Inv.83; 5 - Inv. 81 e 6 - Inv. 75. Desenhos de César Neves.

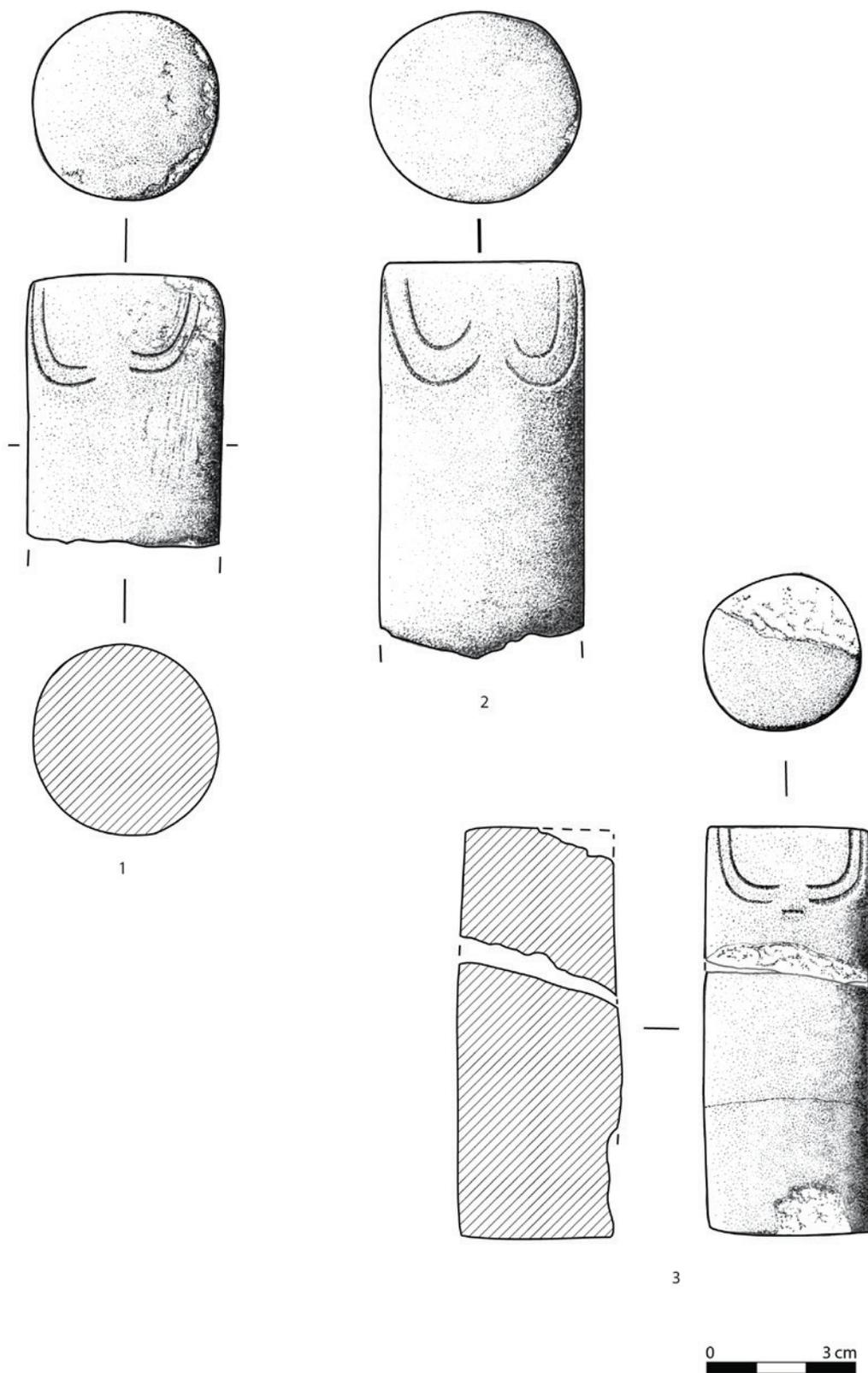


Figura 8 – Cilindros de calcário com decoração de tatuagens faciais: 1 – Inv.77; 2 – Inv. 79 e 3 – Inv. 35. Desenhos de César Neves.

### Tatuagens faciais

Os elementos decorativos são esquemáticos, sendo formados por traços lineares regulares, que se iniciam no topo do cilindro, em forma de linha semi-curva até uma zona central. Surgem em conjunto de duas linhas paralelas, arrancando da parte distal até à área frontal, mas sem união das linhas.

Podem apresentar uma maior curvatura na área frontal formando um semi-círculo aberto, criando na peça – uma face frontal e uma face dorsal (Figura 9). Estas representações são tradicionalmente classificadas como tatuagens faciais (Figuras 7 a 14), reconhecendo um carácter antropomórfico a estas peças cilíndricas.

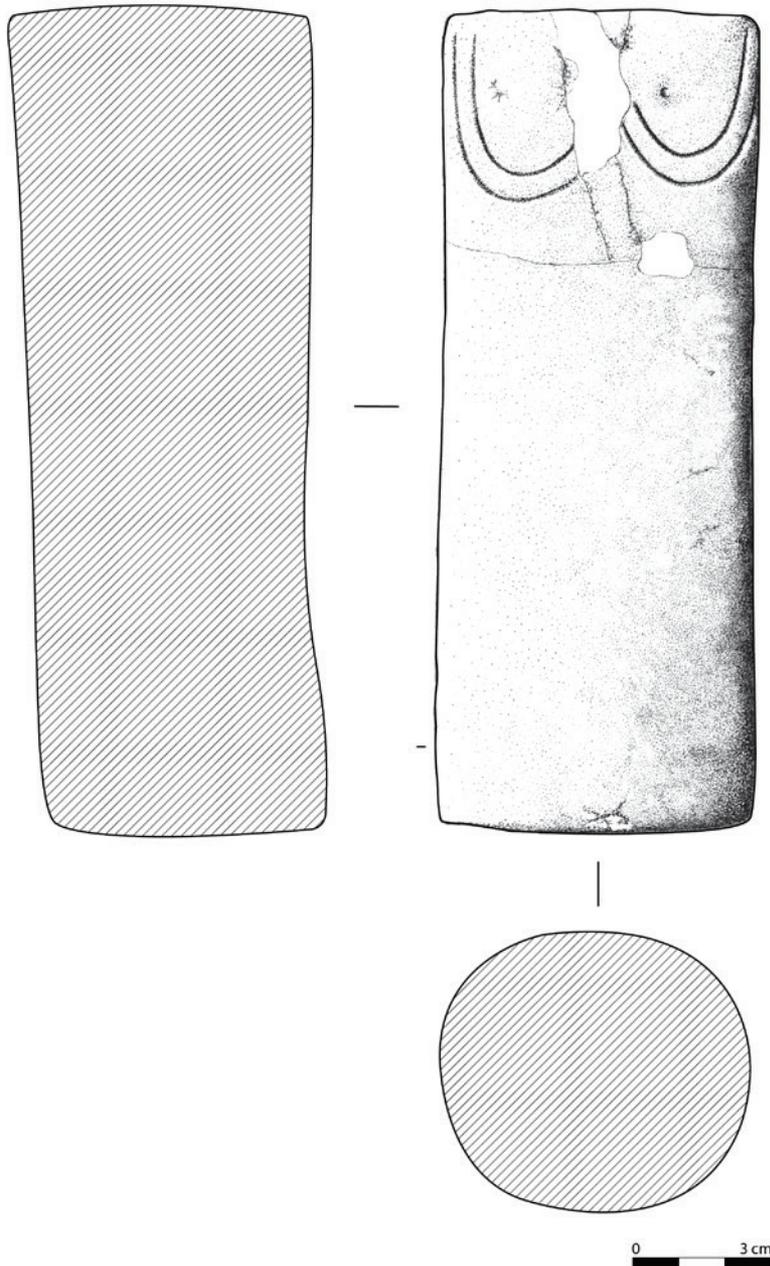


Figura 9 – Artefacto cilíndrico com decoração de tatuagens faciais e representação de olhos – Inv. 62. Desenhos de César Neves.

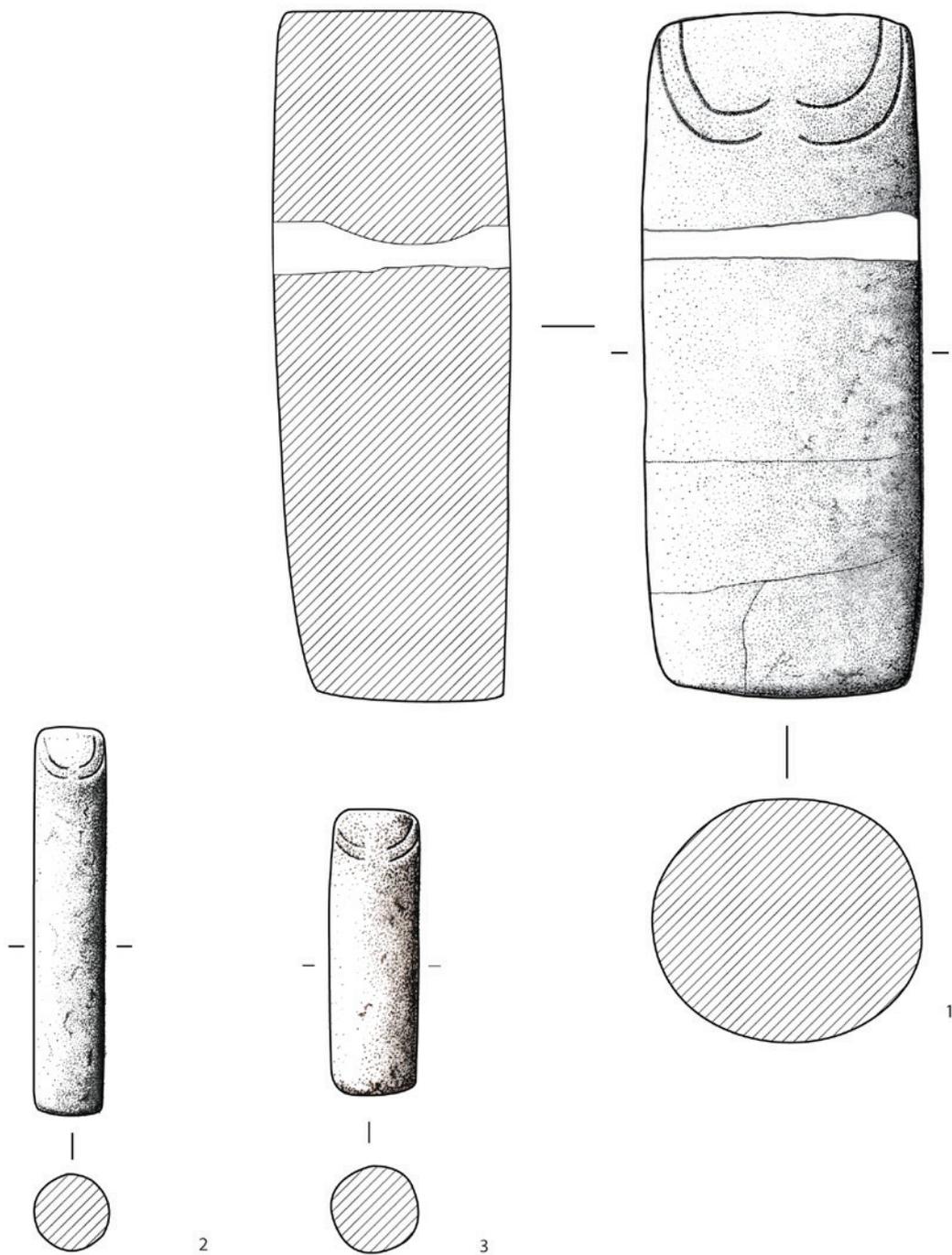


Figura 10 – Artefactos cilíndricos de perfil completo com decoração de tatuagens faciais: 1 – Inv. 44; 2 – Inv. 76 e 3 – Inv. 65. Desenhos de César Neves.

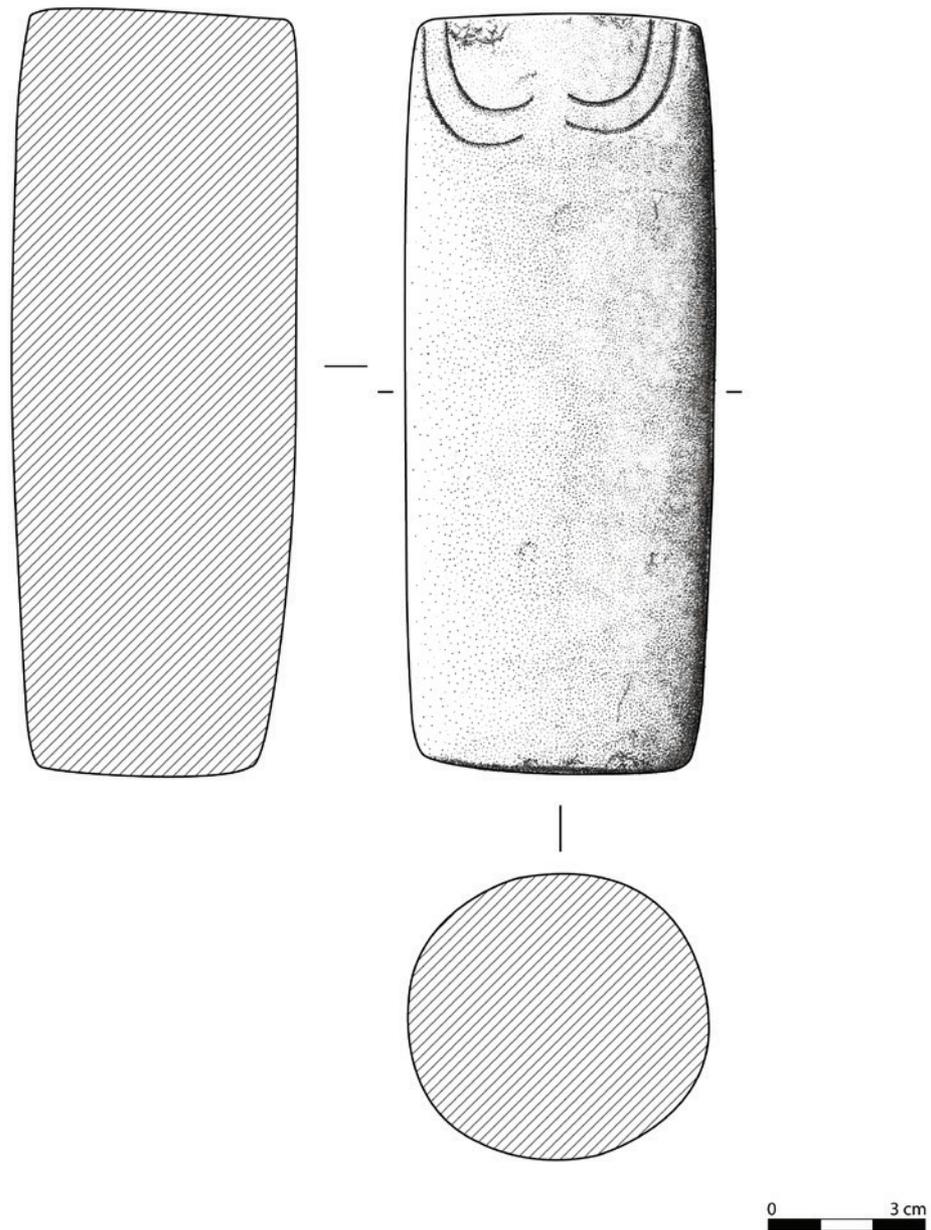


Figura 11 – Artefacto cilíndrico de grande dimensão que mostra decoração com tatuagens faciais: Inv. 64. Desenhos de César Neves.

O exemplar nº 60 (Figura 12 – nº 2) mostra três traços laterais paralelos entre si, de formato linha quebrada com curvatura frontal.

### Olhos

Uma particularidade presente em cinco artefactos (números 60, 62, 63, 68 e 72), é a existência de duas pequenas depressões na área frontal, centra-

das com as linhas laterais e executadas por incisão, sendo interpretadas como representação de olhos (Figuras 9, 12 e 13 – nº 1). O exemplar nº 72 mostra ainda numa área inferior, centrado relativamente às linhas incisas, um pequeno traço horizontal que poderá representar a boca (Figura 12 – nº 1), sendo que este elemento também se encontra presente no nº35 (Figura 8 – nº 3).

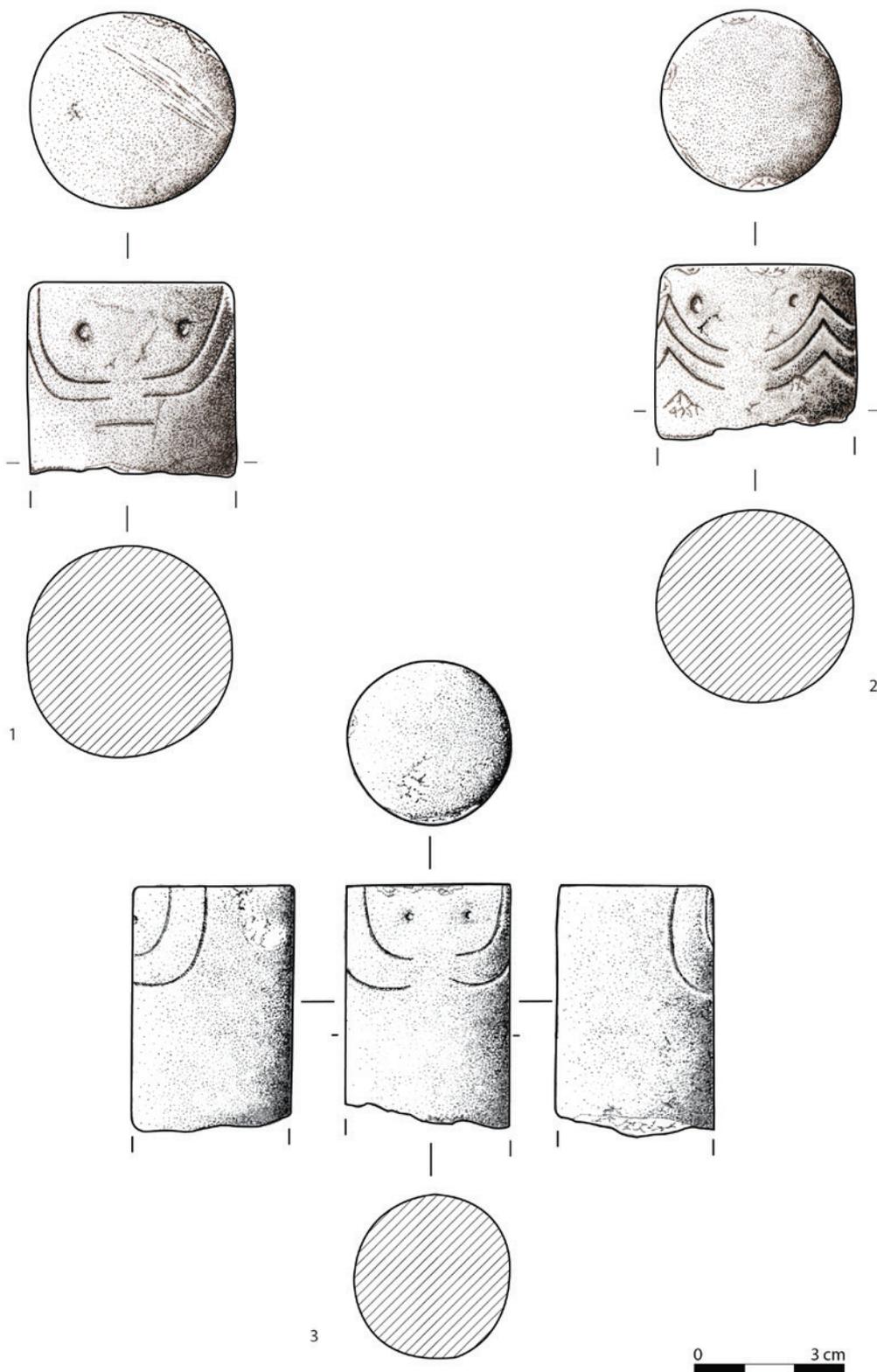


Figura 12 – Artefactos cilíndricos fracturados que mostram decoração com tatuagens faciais e representação de olhos: 1 – Inv. 72; 2 – Inv. 60 e 3 – Inv. 68. Desenhos de César Neves.

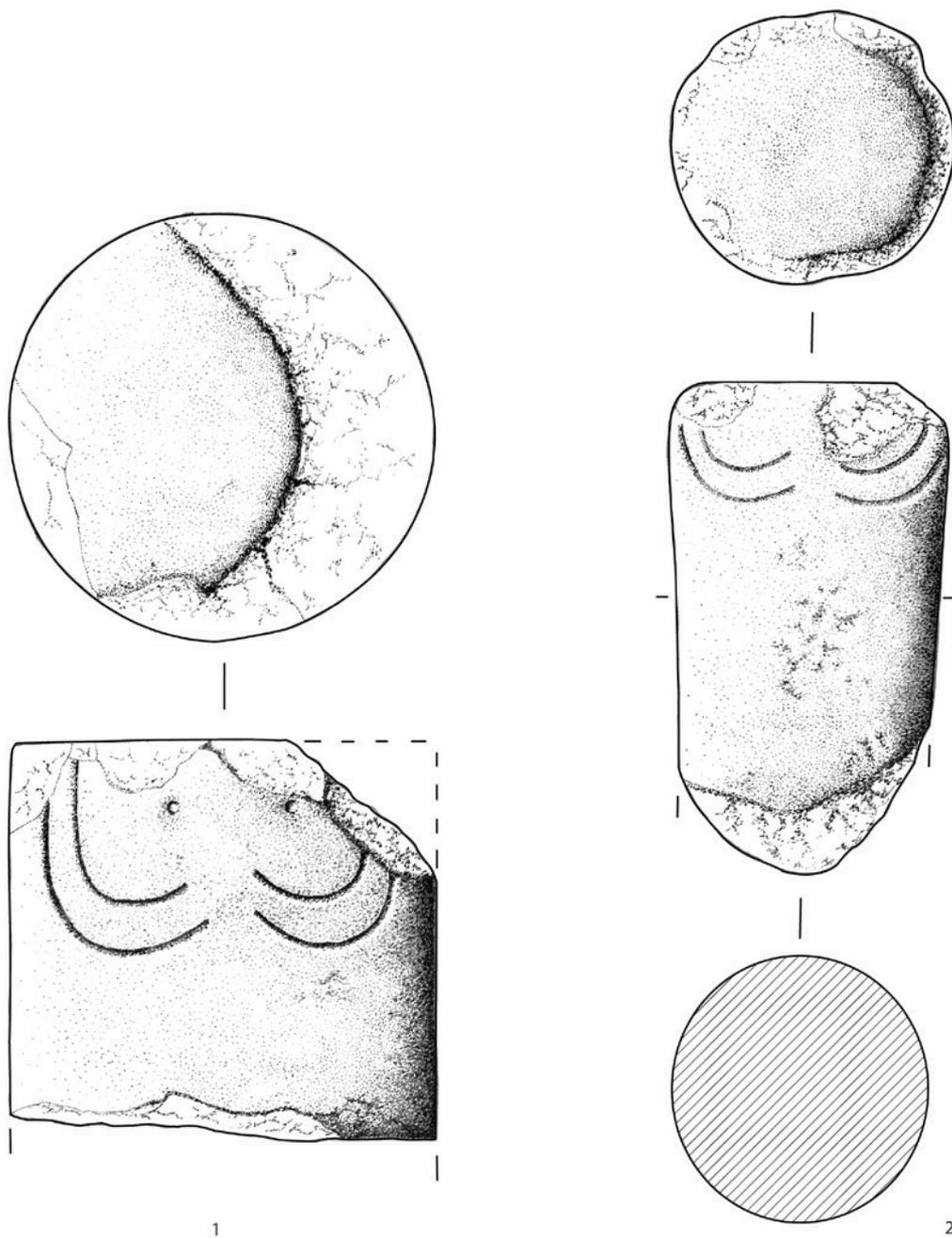


Figura 13 – Artefactos cilíndricos com decoração de tatuagens faciais. 1 – Inv. 63 – mostra representação de olhos; 2 – Inv. 78 – foi reutilizado como percutor. Desenhos de César Neves.



Figura 14 – Pormenores da decoração – linhas incisadas regulares que formam as tatuagens faciais e pequenas incisões circulares que representam os olhos.

### Cor

A selecção das matérias-primas empregues no fabrico destes utensílios torna o branco –em diferentes tonalidades – a cor quase exclusiva deste conjunto artefactual, integrado numa vasta família mediterrânea de artefactos em calcário e mármore fundamentalmente de natureza simbólica.

Até ao momento, não foram identificados pigmentos que permitam pensar numa policromia destes materiais – e o branco – parece assim uma escolha intencional, parte do significado destes objectos polidos.

No conjunto recolhido em VNSP, a presença de 3 artefactos cilíndricos em basalto e 3 em arenito, amplia de forma significativa a paleta cromática dos chamados “ídeos” cilindro e como outras manifestações minoritárias identificadas nos conjuntos artefactuais deve ser registada.

### 3. VILA NOVA DE SÃO PEDRO, UM POVOADO COM ARTEFACTOS SIMBÓLICOS NA PAISAGEM ESTREMENHA

Apesar da extensa área escavada em Vila Nova de São Pedro – cerca de 1ha – não foram identificadas, até ao momento, zonas de cariz funerário sendo, assim, o sítio classificado, até ao momento, como de natureza habitacional. No entanto, diversas categorias artefactuais tradicionalmente relacionadas com actividades votivas ou simbólicas, que surgem

maioritariamente em contextos funerários (e.g. antas, tholoi e hipogeus), foram identificadas em Vila Nova de São Pedro (e.g. ídeos cilíndricos, placas de xisto, falanges afeiçoadas, estatuetas antropomórficas e zoomórficas, alfinetes de cabeça, etc.).

Estes objectos surgem, de acordo com a informação bibliográfica, dispersos por toda a área do povoado juntamente com os restantes elementos da cultura material típica das ocupações de contexto doméstico do Calcolítico, recipientes cerâmicos, pesos de tear, “queijeiras”, utensílios em pedra polida e pedra lascada, bem como objectos em cobre, cadinhos, não tendo sido identificados, ou referidas pelos antigos escavadores, áreas especializadas ou de maior concentração de artefactos simbólicos.

Afonso do Paço refere que os chamados “ídeos cilíndricos”, alguns lisos e outros com os dois traços laterais e paralelos, junto a uma das extremidades, aparecem no estrato superior de Vila Nova de São Pedro, classificado como campaniforme, onde ocorre cerâmica campaniforme, elementos em cobre e restos de cadinhos (Paço e Franco, 1959), e a sua abundância nas primeiras campanhas sugere exactamente essa proveniência nos últimos níveis de ocupação do sítio, ainda que não seja possível atribuir uma cronologia a essa etapa *terminal*.

Porém, estas parcas observações não nos permitem efectuar uma contextualização micro-espacial e crono-estratigráfica dos artefactos cilíndricos recolhidos em Vila Nova de São Pedro comprometendo

assim a discussão sobre e o seu significado e funcionalidade no sítio. Parte de pequenos altares – já desmantelados ou não identificados no decurso da escavação, peças *em trânsito* entre o lugar de produção e um destino final numa necrópole são algumas das hipóteses em aberto.

Analisando a dispersão desta categoria artefactual num território mais circunscrito como a Estremadura Portuguesa, verificamos a presença de cilindros de calcário em numerosos contextos funerários (grutas artificiais, *tholoi*, grutas naturais e antas), e em alguns povoados calcolíticos. Tal como em Vila Nova de São Pedro, torna-se difícil, em muitos casos, determinar o contexto específico e a relação estratigráfica com os outros artefactos existentes no interior dos monumentos ou outros espaços de necrópole, visto que muitos foram intervencionados a partir da segunda metade do século XIX e ao longo dos três primeiros quartéis do século XX, não sendo o registo, actualmente disponível, o mais pormenorizado e esclarecedor.

Em trabalho de síntese das oito primeiras campanhas de escavação, E. Jalhay e A. Paço referem que os artefactos cilíndricos recolhidos até ao momento são de calcário, cristal de rocha, cerâmica e marfim, apresentando muitos deles decoração composta por linhas paralelas laterais ou olhos, podendo representar os mortos como alguns investigadores sugeriam (Jalhay e Paço, 1945). Porém, referem que VNSP corresponderá a um povoado e não uma necrópole, não confirmando as hipóteses dos referidos investigadores estrangeiros e nacionais (*Idem*, 1945: 43).

Relativamente a contextos habitacionais, é no povoado de Leceia que é referida a recolha de um conjunto de cilindros de calcário bem caracterizado e integrado cronologicamente no Calcolítico Pleno, tendo sido recolhidos em zonas centrais do povoado (Cardoso, 2009). Os 15 exemplares são maioritariamente lisos, sendo apenas quatro decorados. Nestes, destaca-se a representação de um triângulo púbcico num dos exemplares, mostrando os restantes as típicas tatuagens faciais existentes na Estremadura, ou seja, conjunto de duas linhas inci-

das lateralmente (Cardoso, 2009). Tal como em Vila Nova de São Pedro surge um cilindro reaproveitado numa segunda fase como percutor, demonstrando uma alteração do simbolismo e funcionalidade (que não implica deixar de ser ritual) destes artefactos.

No povoado Calcolítico da Moita da Ladra, foram recolhidos dois cilindros de calcário que, tal como em Leceia, foram interpretados com a possibilidade de fazerem parte de altares domésticos (Cardoso, 2009; Cardoso *et al*, 2013: 242), hipótese que não poderá, por agora, ser considerada tão linearmente em Vila Nova de São Pedro face à quantidade de artefactos e à incerteza da sua proveniência estratigráfica e contextual. Para Mário V. Gomes, a presença destes artefactos em contextos habitacionais pode resultar do facto de aí serem produzidos, bem como da existência dos pequenos santuários no interior do povoado (2005: 172).

Em contexto funerário, a presença destes utensílios é frequente em diferentes tipologias de monumentos da Estremadura portuguesa. Da extensa listagem, destaca-se a Gruta do Correio-Mór onde foram identificados diversos cilindros de calcário em posição primária, formando um agrupamento alinhado, sendo interpretado como um depósito ritual ou pequeno altar/santuário (Cardoso, 1995: 100). Este conjunto, único no nosso território, tem paralelos com diversos contextos identificados no sul de Espanha, destacando-se a necrópole de Los Millares, onde no exterior-átrio de dois dos *tholoi* foram identificados agrupamentos de cilindros de calcário, interpretados como santuários ou altares onde seriam realizadas cerimónias (Almagro e Arribas, 1963).

Se os ídolos cilindros recolhidos em VNSP estavam já no seu contexto final de uso, e não apenas numa etapa de uma cadeia operatória que os destinava a outros lugares, a sua presença – apesar da escassa informação contextual – bem como a de outros materiais *inequivocamente* simbólicos esbate severamente uma dualidade artificialmente contruída que tende a associar o simbólico aos contextos funerários e o funcional/quotidiano ao mundo doméstico. Ao contrário, e como traço próprio

das sociedades tradicionais diferentes dimensões da existência fundem-se no fenómeno social total (Mauss, 2008).

#### 4. DE ARTEFACTOS A ÍDOLOS – UM LONGO PERCURSO

O conjunto de artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro apresenta-se, seguramente, como um dos maiores reconhecidos para contextos calcolíticos, no Ocidente Peninsular. Esta primeira abordagem, centrada unicamente numa colecção de 93 artefactos, à guarda do Museu Arqueológico do Carmo, pretendeu apenas focar aspectos morfológicos e tipológicos ficando, por agora, em aberto as questões relacionadas com a sua produção, bem como com os processos deposicionais associados ou utilizações secundárias e, o mais aliciante, o debate em torno da interpretação, simbolismo e funcionalidade destes objectos.

Do ponto de vista interpretativo, os artefactos cilíndricos são considerados como representações antropomórficas estilizadas, de figura(s) humana(s) ou sobrenaturais?, quer pela sua morfologia quer pela presença de elementos decorativos que constroem uma face: tatuagens faciais, olhos e, por vezes, sobrancelhas ou pestanas e cabelos que se estendem pela face dorsal da personagem.

O aparato decorativo destes exemplares de Vila Nova de São Pedro é esquemático e simplificado quando comparado com decorações existentes em artefactos recolhidos no sul de Portugal ou Espanha. Trata-se, em VN-SP, de uma decoração muito sintética, exclusivamente assente em tatuagens faciais, apenas na área lateral e frontal do artefacto, sendo a representação de olhos residual e muito ténue, surgindo em apenas cinco exemplares. Destaca-se, no entanto, a rara presença da representação de boca em dois artefactos (Figuras 8 e 12), confirmando o seu carácter antropomórfico.

O estudo dos denominados “ídolos” cilíndricos tem já um percurso longo, acompanhando as investigações em povoados e necrópoles calcolíticas do sudoeste da Península Ibérica, nomeadamente a

Estremadura Portuguesa, Alentejo central, Algarve e Andaluzia. No entanto, para além da obra monumental de M. Almagro Gorbea (1973), onde se encontra um inventário sistemático dos ídolos peninsulares – abordando não apenas os cilíndricos, mas diversas outras categorias artefactuais – não têm sido realizados estudos de conjunto, que procurem sistematizar tipologias e dispersões geográficas.

A constatação de que a profusão decorativa é mais abundante no Sul peninsular, ocorrendo uma simplificação gráfica à medida que avançamos para as áreas mais setentrionais do SW ibérico, foi realizada desde período muito precoce (Siret, 1907; Paço e Franco, 1959), e os diversos autores que, desde então, publicaram conjuntos ou exemplares isolados assumem este postulado, ainda não confirmado por um inventário geral e pormenorizado das dispersões ou derivas iconográficas e respectivo enquadramento cronológico.

A categórica associação destes artefactos à representação de uma divindade mediterrânica, de género feminino ligada à metalurgia, ou a sua contemporaneidade com o aparecimento dos copos canelados (Gonçalves, 1979; 1995), marcando o início das paisagens calcolítica carece igualmente de ampliação da base empírica, adquirindo os estudos realizados nas margens do Mediterrâneo uma importância acrescida para este debate (Bueno Ramirez e Soler Díaz, 2020).

Como facto inquestionável parece a estreita ligação dos “ídolos cilíndricos” a contextos de cariz funerário, onde podem representar totens, divindades protectoras, organizadas em panteões, mas em estreita ligação também a sítios de habitat. A sua presença nos povoados de Vila Nova de São Pedro, Zambujal, Leceia, Parede ou Porto Torrão seguramente ultrapassa aspectos officinais e a proliferação destas personagens *estrangeiras* em altares domésticos no Ocidente peninsular revela a profundidade do complexo processo de Calcolitização em curso.

Em aberto estão questões, como as da identificação de género ou relação directa destes artefactos com o universo feminino e mobilidade social (Primitiva Bueno, 2020), questões como a relação com as

representações iconográficas presentes na arte esquemática nomeadamente para os ídolos oculados ou bitriangulares (Barciela González, 2020), possibilitam novas abordagens a esta temática.

Os artefactos ou ídolos cilíndricos fazem parte de uma História ainda muito fragmentada. Este trabalho quis contribuir, neste domínio para uma primeira aproximação sistemática ao abundante conjunto recolhido em Vila Nova de São Pedro e, dessa forma, reintegrar progressivamente, este histórico sítio nas actuais reflexões e debate científico.

## BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO GORBEA, Maria José (1973) – Los Idolos del Bonce I Hispano. *Biblioteca Praehistorica Hispana*, Vol. XII, Madrid.

ALMAGRO BASCH, Martín; ARRIBAS, ANTONIO (1963) – El poblado y la necropolis megalíticas de los Millares (Santa Fé de Modujar, Almería). *Biblioteca Praehistoria Hispanica*, 3, 263 p. Madrid.

ARNAUD, José M.; GONCALVES, João Ludgero (1990) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigações. 1ª parte. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 1. Lisboa, pp. 25-48.

ARNAUD, José M.; GONCALVES, João Ludgero (1995) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigações. 2ª parte. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 2. Lisboa, pp. 11-40.

ARNAUD, José M. (2005) – Vila Nova de São Pedro revisitada. In: Arnaud, J.M. e Fernandes, C.V., eds. *Construindo a Memória – As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 141-164.

ARNAUD, José M.; DINIZ, Mariana; NEVES, César; MARTINS, Andrea (2017) – Vila Nova de São Pedro – de novo, no 3.º milénio. Um projecto para o futuro. *Arqueologia e História*, 66-67, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 7-17.

BARCIELA GONZÁLEZ, Virginia (2020) – Ídolos del Neolítico final / Calcolítico en las paredes rocosas de la Península Ibérica. Una mirada desde el Sureste Peninsular. In Bueno Ramírez, P. e Soler Díaz, J., eds – *Ídolos – Miradas Milenarias. Catálogo de Exposición*, Museu Arqueológico de Alicante, pp. 54-68.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; SOLER DÍAZ, Jorge (Editores) (2020) – *Ídolos – Miradas Milenarias. Catálogo de Exposición*, Museu Arqueológico de Alicante, 389 p.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (2020) – Cuerpos e Identidades desde el Paleolítico al Neolítico en Europa. Las figuritas ibéricas.

In Bueno Ramírez, P. e Soler Díaz, J., eds – *Ídolos – Miradas Milenarias. Catálogo de Exposición*, Museu Arqueológico de Alicante, pp. 28-39.

CARDOSO, João Luís (1995) – O santuário calcolítico da Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, Oeiras, pp. 97-121.

CARDOSO, João Luís (2009) – Estatuetas do neolítico final e do calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, Oeiras, pp. 73-96.

CARDOSO, João Luís; SOARES, António Monge; MARTINS, José Matos (2013) – O povoado campaniforme fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa) e a sua cronologia absoluta. *O Arqueólogo Português, Série V*, 3, pp. 213-253.

GOMES, Mário Varela (2005) – O sagrado em Vila Nova de São Pedro. Antigas e novas perspectivas. In: Arnaud, J. M. e Fernandes, C.V., eds. *Construindo a Memória – As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 165-178.

GONÇALVES, Victor (1979) – Dois novos ídolos Tipo Moncarapacho. *Setúbal Arqueológica*, Vol. IV, Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, pp. 47-58.

GONÇALVES, Victor (1994) – O castelo de Vila Nova de S. Pedro. *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Electa, pp. 49-51.

GONÇALVES, Victor (1995) – *Sítios, <<Horizontes>> e Artefactos – Leituras críticas de realidades perdidas*. Câmara Municipal de Cascais, 308 p.

JALHAY, Eugénio; PAÇO, Afonso (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y memorias de la Sociedad Espanola de Antropologia: Etnografía y Prehistoria*. Madrid, 20, pp. 5-93.

MARTINS, Andrea, NEVES, César, DINIZ, Mariana; ARNAUD, José (2019) – O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Notas sobre as campanhas de escavação de 2017 e 2018. *Arqueologia e História*, nº 69, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 133-167.

MAUSS, Marcel (2008) – *Ensaio Sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70.

PAÇO, Afonso; JALHAY, Eugénio (1939) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro: Notas sobre a 1ª e 2ª campanha – 1937 e 1938. *Brotéria*. Separata Lisboa. Vol. XXVIII: 6, pp. 2-46.

PAÇO, Afonso; JALHAY, Eugénio (1942) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 3ª, 4ª e 5ª campanhas – 1939, 1940 e 1941. *Brotéria*, Separata, Lisboa, Vol. XXXIV: 6, pp. 2-31.

PAÇO, Afonso; JALHAY, E. (1943) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro: Notas sobre a 6ª campanha – 1942. *Brotéria*. Separata Lisboa. Vol. XXXVII: 1, pp. 4-27.

PAÇO, Afonso; COSTA ARTHUR, Maria Lourdes (1952) – Castro de Vila Nova de São Pedro. I – 15ª campanha de escavações (1951), *Brotéria*, Vol. LIV, Fasc. 3, Março 1952, pp. 6-25.

PAÇO, Afonso (1954) – Castro de Vila de S. Pedro: VI – Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (n.º 7 a n.º 14). *Arqueologia e História*, Série VIII, 3, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 31-80.

PAÇO, Afonso; SANGMEISTER, Edward (1956) – Castro de Vila Nova de S. Pedro: VIII – Campanha de escavações 1955 (19ª). *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 7, pp. 95-114.

PAÇO, Afonso (1958) – Castro de Vila Nova de S. Pedro: X – Campanha de escavações 1956 (Aditamento: campanhas de 1952, 1953 e 1954 – 16ª, 17ª e 18ª). *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 8, pp. 43-91.

PAÇO, Afonso; FRANCO, Gonçalo Lyster (1959) – Ídolo Cilíndrico de calcáreo, *oculado, do Algarve*, I Congresso Nacional de Arqueologia – separata, Lisboa, 9 p.

RIBEIRO, Maria; CARDOSO, João Luís (2013) – Três décadas de escavações em Vila Nova de São Pedro. (1937-1967). In Arnaud, J.; Martins, A e Neves, C., (Coords.) *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 39-47.

SAVORY, H. N. (1970) – A section through the innermost rampart of the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarem (1959). *Actas das Jornadas Arqueológicas*. 1. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 133-148.

SIRET, Luis (1907) – Orientaux et Occidentaux en Espagne aux temps préhistoriques. *Revue des questions Scientifiques*, Bruxelles, pl. VI.

SOARES, António Monge (2005) – A metalurgia de Vila Nova de São Pedro. Algumas reflexões. In ARNAUD, J.M., FERNANDES, C. V., (eds.) *Construindo a memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 179-188.

SOLER DÍAZ, Jorge (2020) – Ídolos. Una lectura historiográfica para un recurso de narrativa social-prehistórica, In Bueno Ramírez, P. e Soler Díaz, J., eds – Ídolos – Miradas Milenarias. Catálogo de Exposición, Museu Arqueológico de Alicante, pp. 40-53.

ZBYSZEWSKI, Georges (1953) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000 – Notícia explicativa da Folha 31-A Santarém*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 16 p.





ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2020

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)